

Participação, expressão e criatividade em experiências com a linguagem plástica desenvolvidas em espaços educativos por animadores em formação

Lúcia Grave Magueta

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais / Instituto Politécnico de Leiria
NIDE – Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação

Resumo

Este artigo aborda as experiências de expressão plástica desenvolvidas com alunos de escolas do Ensino Básico e Secundário por animadores em formação. Com a nossa análise e reflexão pretendemos salientar o valor das experiências com a linguagem plástica, enquanto ferramentas para a intervenção e animação.

A análise incide sobre atividades desenvolvidas no âmbito de estágios, por nós orientados, desde o momento da planificação à sua concretização e avaliação, pretendendo caracterizar experiências realizadas e identificar os seus contributos para uma vivência criativa, participativa e ativa dos envolvidos no seu grupo e comunidade.

Este estudo segue uma metodologia de estudo de caso e baseia-se na análise de registos de observação relativos à orientação e supervisão realizadas, e também na análise dos relatos escritos dos animadores em formação.

Verificámos que as atividades se situavam, sobretudo, na experimentação com materiais e técnicas diversificadas e na criação plástica com expressão e comunicação de ideias.

Ao (re)pensar o processo de formação, concluímos que a observação, a apreciação e a fruição perante objetos artísticos devem também integrar a ação do animador que intervém no espaço educativo, sendo assim potenciada a participação na cultura, que acontece na interação com o outro, os objetos e as obras.

Palavras-chave: animação; linguagem plástica; participação

Introdução

Neste artigo pretendemos salientar o valor das experiências com a linguagem plástica enquanto ferramentas para a intervenção e animação. Para tal, focaremos as práticas desenvolvidas por dois animadores culturais em formação – estudantes do 3.º ano do curso de licenciatura em Animação Cultural da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria – que desenvolveram os seus

estágios curriculares em dois contextos educativos distintos:

(1) um estabelecimento escolar com as valências de Jardim de Infância e Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, situado em contexto urbano, numa localidade da Freguesia de Corroios, concelho do Seixal;

(2) um Agrupamento de Escolas de um concelho pertencente ao distrito de Leiria, situado na região Oeste do país.

Para enquadrar a nossa reflexão abordaremos a importância da animação em contexto escolar, salientando o contributo de experiências com a linguagem plástica para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos alunos e para a construção de uma relação positiva com a escola.

1. Contextualização teórica

Ao criar espaços de relação e de comunicação, a animação concretiza a “participação”, pois desencadeia processos de participação ativa em práticas que desenvolvem o sentido de grupo e do “coletivo”.

“Participar” implica partilhar o espaço de comunicação com o “outro” e tomar parte nas decisões do grupo. A experiência artística, quando partilhada, amplia as oportunidades da construção da relação com o “outro”, na medida em que se concretiza através da partilha de ideias e da expressão de sentimentos, onde todos se manifestam criativamente.

Um grupo possui uma dinâmica distinta da soma das forças individuais e, «como consequência da interação entre os seus membros, converte-se numa fonte de energia e capacidade que os indivíduos isolados desconhecem» (Idães, 2004:15). As interações e processos que são gerados no interior do grupo como consequência da sua existência caracterizam a “dinâmica de grupo”.

Através das linguagens artísticas, o grupo representa criativamente as suas conceções e interpretações sobre o que o rodeia e expressa os seus valores e problemas. De acordo com Barbosa (2008: 21), «por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade analisada».

A vivência de experiências de expressão plástica permite gerar novos conhecimentos, desenvolver a sensibilidade e a criatividade, enriquecer a capacidade de comunicação e expressão e ampliar a forma de ver, entender e interpretar o mundo (Civit & Collel, 2004). De acordo com Sousa (2003:159), o termo “expressão plástica” utiliza-se para designar o «modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos». O desenho, a pintura, a modelação e as construções são alguns meios de expressão plástica em que se podem utilizar materiais

diversificados. A expressão plástica não se centra na produção de obras de arte, mas sim, na expressão de emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos (Sousa, 2003).

A “plástica” é uma linguagem que tem uma gramática visual mediante a qual podemos expressar-nos e comunicar com os outros. Esta gramática é formada pelo “alfabeto visual” – composto pelo ponto, a linha, a superfície, a cor, a textura, o volume e a forma – que são as “letras” que podemos combinar para nos expressarmos. É também formada pela “sintaxe visual” – que tem em conta a medida, a proporção, o agrupamento, a estrutura, a direção, o movimento, o ritmo, o equilíbrio, a simetria, a assimetria, a harmonia e o contraste – que são as formas que temos para poder combinar as “letras” do alfabeto visual (Civit & Colell, 2004).

O “jogo” de improvisar e criar, observar, modificar, retificar, perceber a própria expressão e tomar decisões sobre ela, possibilita o crescimento pessoal e converte a expressão plástica numa ferramenta “libertadora” (Font, 2004). Quando realizadas em grupo, as atividades de criação plástica facilitam o estabelecer de relações entre os que nelas participam, pois abrem novos canais de comunicação e expressão. Assim, desenvolve-se o sentido de “grupo”, em momentos de criação de algo que tem sentido para a realização coletiva, concretizando-se a “participação”.

Nas atividades realizadas em grupo, os envolvidos são incentivados a discutir as propostas e a partilhar as etapas do trabalho. Carvalho (2008: 298) refere que isso «incentiva o diálogo, estabelece uma relação de cooperação entre os participantes, melhora a capacidade de comunicação, concorre para formar consciências mais críticas, fatores necessários para o desabrochar de personalidades mais seguras. Os trabalhos coletivos podem possibilitar, ainda, a consideração e o respeito pelo outro, bem como o cumprimento de normas grupais».

A animação deve também privilegiar a aproximação às obras artísticas e ao(s) seu(s) processo(s) de criação. Observar, fruir, analisar e emitir opiniões sobre a obra de arte permite «descodificar as diferentes linguagens, criando oportunidade à compreensão do sentido e dos significados que permeiam o mundo simbólico das imagens visuais» (Santos, 2006: 8). Este processo permite a apropriação da «gramática visual» necessária para ler, compreender e produzir imagens (Duncum, 2010).

No trabalho coordenado por Fortuna (2014) salienta-se a importância de promover a participação e a inclusão cultural. A aprendizagem cultural e artística, o estímulo à descoberta das artes e à experimentação artística e o envolvimento em dinâmicas criativas e de cariz coletivo e criativo, devem ser promovidas pelos setores cultural, educativo e social, reconhecendo que «o contributo social das artes é predominantemente entendido como um contributo formativo e capacitante em si mesmo. Tais competências são decisivas para a formação das pessoas e a sua capacitação para ultrapassar as barreiras sociais, económicas e simbólicas que definem a sua condição vulnerável ou estigmatizada» (Fortuna, 2014: 127). Assim, é recomendado que haja

um reforço da presença das artes e da cultura no meio escolar, salientando que, para além da aquisição e desenvolvimento de competências técnicas, se somam outras, como o espírito de cooperação e de trabalho em grupo, a capacidade de coordenação e a autodisciplina, a compreensão de si e dos outros, a tolerância e a abertura ao diálogo intercultural.

As ideias que aqui resumimos podem representar o papel da animação na escola, concretizando a articulação entre atividades escolares e não escolares. A intervenção do animador no espaço educativo potencia o desenvolvimento individual e a participação ativa na vida em grupo, fortalecendo o sentido de pertença e favorecendo a integração social.

A intervenção pode ter lugar nos tempos livres dos alunos, com o propósito de desencadear processos de desenvolvimento pessoal e social, através de iniciativas com carácter lúdico, criativo e participativo. As atividades propostas, principalmente as que são dirigidas ao grupo, promovem o respeito pela diversidade social e cultural, podendo ter como efeitos o atenuar de situações de marginalização social e de abandono escolar. A animação pode desempenhar um papel importante na construção de uma relação positiva com a escola porque promove estratégias de aproximação e diálogo entre os membros da comunidade escolar, colocando-os em interação e envolvendo-os em projetos conjuntos, que podem ou não estar articulados com as atividades escolares formais.

Neste estudo apresentamos dois casos que exemplificam o papel que o animador pode desempenhar em espaços de educação formal, integrando equipas e propondo atividades e projetos que partem da sua iniciativa e da sua capacidade de análise dos contextos.

2. Metodologia

Tal como referimos anteriormente, este estudo incide sobre atividades realizadas no âmbito de estágios, por nós orientados e supervisionados, que decorreram em dois contextos escolares. Para a nossa análise e reflexão formulámos os objetivos: a) caracterizar experiências realizadas por animadores em estágio em espaços educativos; e b) identificar os contributos dessas experiências para uma vivência criativa, participativa e ativa dos envolvidos no seu grupo e comunidade. Para tal, seguimos uma metodologia de estudo de caso e baseámo-nos na análise de registos de observação relativos à orientação e supervisão realizadas, e também na análise dos relatos escritos pelos animadores em formação.

3. Experiências com a linguagem plástica desenvolvidas em espaços educativos

3.1. Caso I

O trabalho desenvolvido pelo animador estava enquadrado nas atividades realizadas na Componente de Apoio à Família (CAF) cujo funcionamento era assegurado por

uma equipa que integrava profissionais de educação (professores do 1.º Ciclo e educadores de infância) e de animação (animadores com diferentes percursos de formação profissional). O espaço da CAF era contíguo às salas de aulas e salas de atividades da escola, contudo, tinha uma organização e gestão autónomas a cargo da Associação de Pais. As atividades desenvolvidas envolviam diferentes grupos de crianças com idades entre os 3 e os 10 anos. A intervenção do animador em estágio caracterizou-se pela diversidade de experiências proporcionadas às crianças, entre as quais destacamos as que se realizaram em torno da promoção da leitura, concretizadas em articulação com os professores titulares das diferentes turmas de alunos da escola. Foi também assinalável, um conjunto de atividades de natureza diversa – jogos de exploração do espaço, culinária, leitura de histórias, entre outras – desenvolvidas no tempo de interrupção letiva e que proporcionou às crianças a experiência de passarem uma noite na escola.

Focando especificamente as experiências que envolveram a linguagem plástica, em termos da contextualização das propostas, estas surgiam como forma de ocupação dos tempos livres das crianças após a realização de trabalhos escolares. O desenho livre, a pintura com diversos materiais, as construções, as dobragens e as colagens foram os meios mais utilizados. Os momentos da leitura de histórias, também incluíam a observação e «leitura» das imagens/ ilustrações. A ilustração de histórias, a renovação da decoração da sala de atividades da CAF e a comemoração de datas assinaláveis ou épocas festivas foram os principais aspetos que contextualizaram as propostas que envolveram a expressão e criação plásticas.

Procurando caracterizar as diferentes experiências que foram proporcionadas às crianças, salientamos:

- a promoção do trabalho coletivo, facilitando processos de participação e criação;
- o uso de materiais e de meios de expressão plástica diversificados;
- a promoção da reutilização de materiais, transformando criativamente objetos, atribuindo-lhes novas funções;
- o estímulo à representação de ideias, objetos, pessoas e emoções;
- decorreram em momentos de espontaneidade e liberdade;
- a seleção de atividades considerou aspetos do desenvolvimento das crianças.

Em grande parte, a intervenção do animador em estágio realizou-se através de trabalho colaborativo, com pares e outros intervenientes no espaço educativo.

3.2. Caso 2

A intervenção levada a cabo pelo animador em estágio estava enquadrada em iniciativas do Serviço de Psicologia e Orientação do Agrupamento de Escolas, tendo este desenvolvido ações diversas num espaço dedicado a temáticas da cidadania e vida

escolar, habitualmente dinamizado pelos diretores de turma, com diversas turmas do 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico. As intervenções junto dos alunos, tinham como objetivos: melhorar as relações interpessoais dentro do grupo-turma; incentivar o trabalho em equipa e a cooperação; incentivar a construção de consensos e a tomada de decisões em grupo; e estimular a motivação para o envolvimento nas tarefas escolares. A necessidade de trabalhar estes valores e atitudes, decorreu da recolha de dados junto dos professores, dos diretores de turma e da psicóloga do agrupamento. As diferentes intervenções junto dos alunos foram também planificadas em articulação com estes intervenientes. Assim, em geral, as ações desenvolvidas envolveram alunos entre os 10 e os 17 anos, pertencentes a turmas do 5.º ao 7.º anos de escolaridade, num contexto marcado pela diversidade cultural e pelo insucesso escolar.

O uso da linguagem plástica esteve também presente em algumas das dinâmicas de grupo que caracterizaram as diferentes intervenções, tendo sido uma via para a comunicação e expressão de ideias.

A realização de alguns jogos propostos por Brandes & Phillips (s.d.) e Dohme (2003), facilitadores do desenvolvimento pessoal e social, foram postos em prática com recurso à representação de ideias através do desenho. Também algumas propostas de Striker & Kimmel (s.d.) foram consideradas – «Como vês o teu futuro?» ou «Qual é o teu maior sonho?» – pois, através do desenho, remetiam para um exercício de representação de ideias, sentimentos e emoções e, conseqüentemente, de autoconhecimento e de desenvolvimento pessoal.

O animador em estágio dinamizou ainda outras atividades que envolveram escolas do agrupamento, colaborando em projetos e iniciativas diversas. Em geral, estas atividades também incluíam experiências com a linguagem plástica e envolviam crianças da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Damos como exemplos a construção de elementos cenográficos para apoiar atividades da biblioteca ou atividades de desenho, pintura e colagem para representar elementos do ambiente natural.

Também neste caso, o trabalho do animador decorreu em articulação com as funções desempenhadas por outros elementos da comunidade educativa, nomeadamente, a psicóloga do Agrupamento de Escolas, os professores, os diretores de turma e os funcionários não docentes.

Conclusão

Os casos apresentados referem-se a contextos escolares que diferem no meio onde se inserem; no enquadramento institucional; nos níveis de ensino em funcionamento nos estabelecimentos escolares; nas idades dos alunos envolvidos; e nas equipas de profissionais com as quais os animadores se articularam no desempenho das suas funções.

Analisando as práticas nos dois casos, existem vários aspetos que os aproximam:

- O recurso a diferentes estratégias de intervenção, proporcionando aos alunos envolvidos experiências diversificadas;
- A concretização de experiências com a linguagem plástica proporcionando oportunidades de comunicação e expressão e de desenvolvimento da criatividade;
- A articulação que se desenvolveu entre atividades escolares formais e as atividades de animação realizadas;
- A promoção da participação dos alunos, fortalecendo o sentido de grupo e de comunidade;
- O caráter lúdico, criativo, expressivo presente nas diferentes intervenções;
- A adequação das propostas aos contextos, considerando as problemáticas identificadas, e ajustando as diferentes iniciativas às características individuais e ao coletivo;
- A cooperação entre os diferentes profissionais que acolheram e orientaram os animadores em estágio, facilitando dados e partilhando objetivos comuns de intervenção junto dos alunos;
- A partilha da sala de aula proporcionada pelos professores titulares das turmas, em ambos os contextos.
- A intervenção deu resposta a problemas identificados na realidade escolar por professores e outros intervenientes, incluindo os próprios animadores;
- A concretização de trabalho colaborativo.
- Em suma, cremos que as ações desenvolvidas contemplaram oportunidades de expressão e criatividade coexistindo o espaço individual e o espaço da “participação”.

Focando apenas aspetos relacionados com as experiências com a linguagem plástica, verificámos que, em ambos os casos, não surgiram oportunidades de envolver os alunos em abordagens que privilegiassem o contacto com a obra de arte. Assim sendo, ao (re)pensar o processo de formação dos animadores, concluímos que se deve reforçar a importância da observação, da apreciação e da fruição perante objetos artísticos, pois devem também integrar a ação do animador que intervém no espaço educativo, sendo assim potenciada a participação na cultura, que acontece na interação com o outro, os objetos e as obras.

Bibliografia

- Barbosa, A.M. (2008). *Mediação Cultural é Social*. In Barbosa, A.M & Coutinho, R.G. (Orgs.). *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*, São Paulo, Editora UNESP, pp.13-22.
- Brandes, D. & Phillips, H. (s.d.). *Manual de Jogos Educativos. 140 Jogos para professores e animadores de grupos*, Lisboa, Moraes Editores.

- Carvalho, L.M. (2008). Reflexões sobre o ensino da arte no âmbito de ONGs. In Barbosa, A.M & Coutinho, R.G. (Orgs.). *Arte/ Educação como Mediação Cultural e Social*, São Paulo, Editora UNESP, pp.295-304.
- Civit, L. & Colell, S. (2004). EducArt: Intervención educativa y Expresión Plástica. *Educación Social*, N.º 28, pp.99-118.
- Dohme, V. (2003). *Atividades Lúdicas na Educação*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Duncum, P. (2010). Seven principles for visual culture education. *Art Education*, January 2010, p.6-1
- Font, J.M. (2004). El lenguaje plástico en el campo de la intervención socioeducativa. *Educación Social*. N.º28. pp. 13-18.
- Fortuna, C. (coord.), 2014, *Cultura, Formação e Cidadania*, Lisboa, Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais – Secretaria de Estado da Cultura.
- Idães, M. J. A. (2004). *Como Animar um Grupo. Princípios Básicos e Técnicas*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Santos, S. M. P. (2006). *Educação, Arte e Jogo*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Sousa, A. S. (2003a). *Educação pela arte e artes na educação – 3º Volume. Música e Artes Plásticas*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Striker, S. & Kimmel, E. (s.d.). *The Anti-colouring Book*, London, Scholastic.